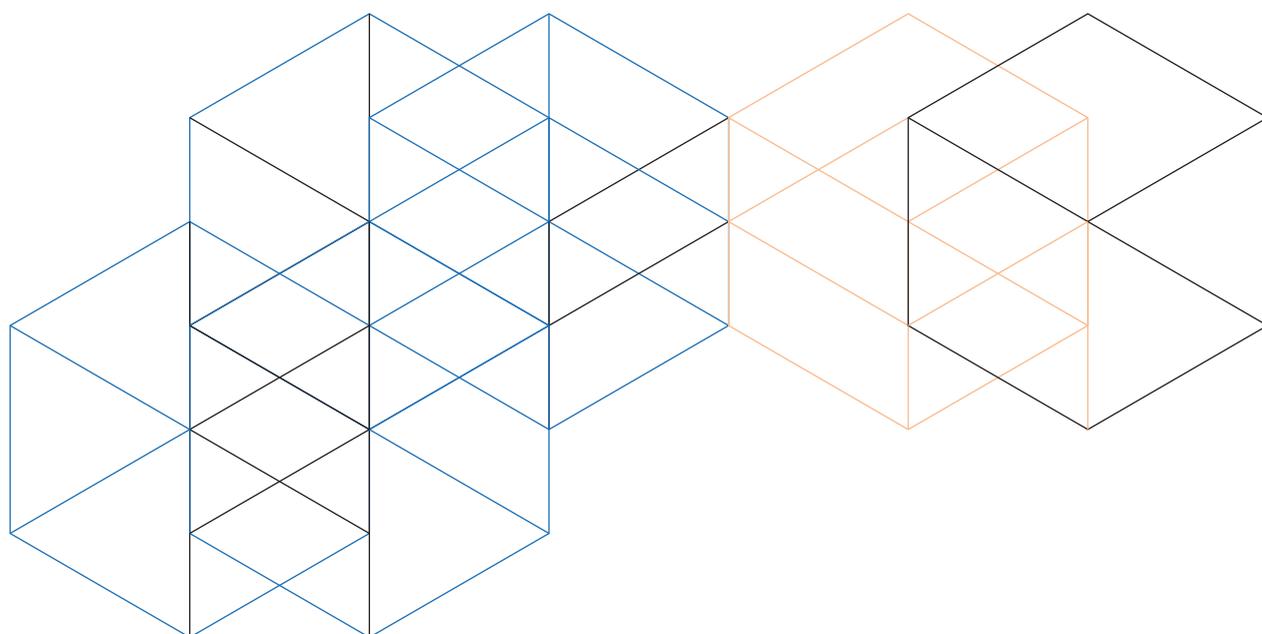


análise trimestral de conjuntura à indústria de calçado

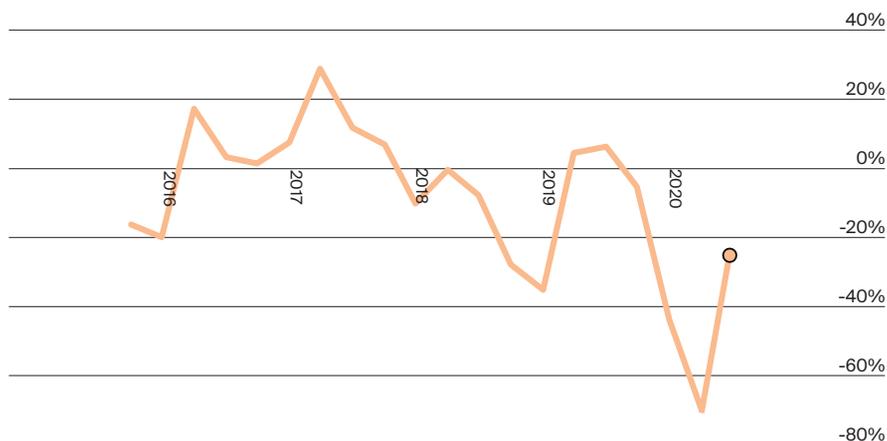


**3º TRIMESTRE
2020**

Depois dos recordes negativos estabelecidos no segundo trimestre, no terceiro, a avaliação que as empresas da indústria portuguesa do calçado fazem do estado dos negócios registou alguma recuperação. O ritmo de diminuição da produção e da carteira de encomendas atenuou-se, sobretudo para as empresas com maior propensão exportadora. Apesar de uma conjuntura muito adversa, cerca de três quartos das empresas mantiveram o seu nível de emprego, embora, entre as restantes, predominem as que o reduziram. Com a quebra da procura nos mercados, a tendência é para a descida de preços. Os impactos da pandemia, nomeadamente ao nível da procura, são a principal preocupação das empresas: quatro em cada cinco dizem que a escassez de encomendas de clientes estrangeiros é um dos seus principais problemas. Com a segunda vaga da pandemia a ganhar proporções superiores à primeira e a economia dos principais mercados a sofrer contrações significativas, as empresas receiam que a conjuntura setorial se volte a agravar, manifestando expectativas muito sombrias quanto à evolução da produção e das encomendas. A larga maioria acredita, no entanto, que conseguirá continuar a manter os postos de trabalho.

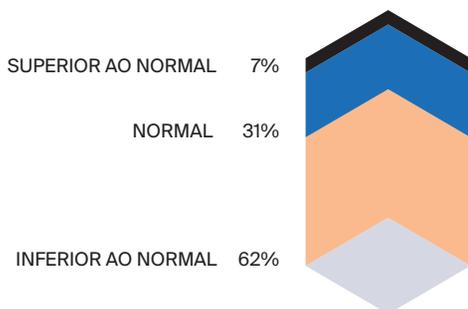
produção

No terceiro trimestre, verificou-se um desagravamento na evolução da produção da indústria portuguesa de calçado. A percentagem de empresas a registar reduções da produção diminuiu de 75%, no segundo trimestre, para 48%. Também o saldo de respostas extremas (s.r.e.), isto é, a diferença entre a percentagem de empresas que registaram aumentos e diminuições da produção, melhorou de -67 pontos percentuais (p.p.) para -27 p.p., de um trimestre para o outro. Este saldo foi, no entanto, substancialmente mais negativo (-47 p.p.) para as empresas que se dedicam exclusivamente ao mercado nacional.



EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

utilização da capacidade

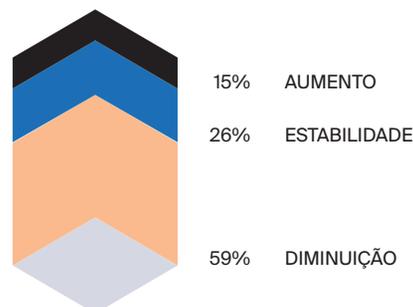


Neste período, 62% das empresas declararam que o nível de utilização da sua capacidade produtiva esteve abaixo do normal para a época do ano. Ainda assim, o saldo de respostas extremas de -55 p.p. agora registado foi o menos desfavorável desde o início do ano. As empresas de pequena e média dimensão são as que, em termos relativos, mais frequentemente consideram que a situação se mantém dentro de parâmetros de normalidade.

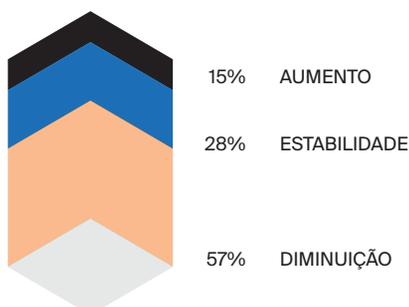
carteira de encomendas

Também a evolução da carteira global de encomendas demonstrou alguma recuperação face aos dois trimestres anteriores, com o respetivo saldo de respostas extremas a recuperar do recorde negativo de -71 p.p., registado no verão, para -44 p.p., no início do outono. Além disso, cerca de um quarto das empresas afirmam que a sua carteira se manteve inalterada e 15% dizem mesmo que aumentou. A evolução da carteira foi mais favorável nas empresas de maior dimensão e mais orientadas para os mercados externos.

CARTEIRA DE ENCOMENDAS



CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

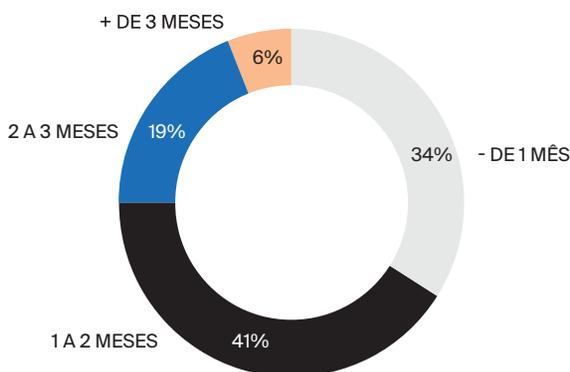


No que respeita à carteira de encomendas do estrangeiro verifica-se uma ligeira melhoria face ao último trimestre, com redução da percentagem de empresas que afirmam que a carteira diminuiu e um ligeiro aumento das que afirmam que aumentou, gerando uma melhoria substancial no saldo de respostas extremas que passou de -72 p.p. para -42 p.p.

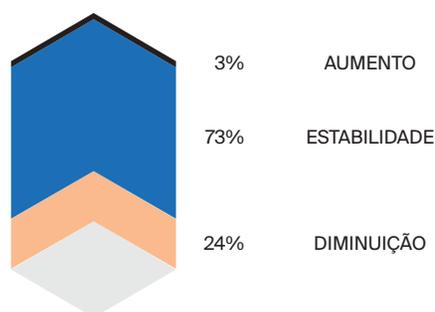
horizonte

As perspetivas das empresas quanto ao tempo de produção assegurado pela sua carteira de encomendas registaram alguma polarização, com o aumento simultâneo da percentagem das que afirmam ter encomendas para menos de um mês (de 21 para 34%) e das que consideram ter a atividade garantida para mais de três meses (de 2 para 6%). No entanto, a situação mais comum (41% das empresas) é que a carteira assegure 1 a 2 meses de atividade. As empresas mais fortemente exportadoras mostram-se mais satisfeitas com a carteira do que as orientadas para o mercado nacional.

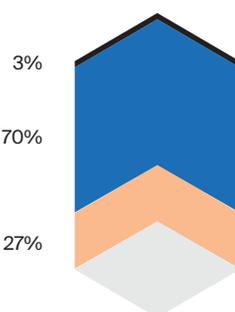
PRODUÇÃO ASSEGURADA PELA CARTEIRA DE ENCOMENDAS



PREÇOS EM PORTUGAL



PREÇOS NO ESTRANGEIRO



preços

Apesar da difícil conjuntura atual, quase 3 em cada 4 empresas consideram que os preços em Portugal, no terceiro trimestre, permaneceram estáveis. Embora, com a lenta reabertura do comércio, tenha voltado a haver empresas a indicar que os preços subiram, o saldo de respostas extremas foi de -21 p.p., apenas ligeiramente melhor do que no trimestre anterior. Pelo contrário, quanto aos preços no estrangeiro, o s.r.e. degradou-se, atingindo um novo mínimo histórico de -24 p.p., com especial contributo das empresas de média e grande dimensão.

pessoas ao serviço

A nível de emprego, a situação da indústria esteve em linha com as expectativas que as empresas tinham formulado no trimestre anterior: a larga maioria dos inquiridos (79%) afirma que o número de pessoas ao seu serviço permaneceu inalterado, mas os que dizem que diminuiu excedem em 15 p.p. os que consideram que aumentou. As indicações de estabilidade do emprego são mais frequentes entre as empresas menos exportadoras (mais de 80%), nenhuma das quais, no entanto, refere o seu aumento. Entre as empresas fortemente exportadoras há uma maior dispersão de opiniões.

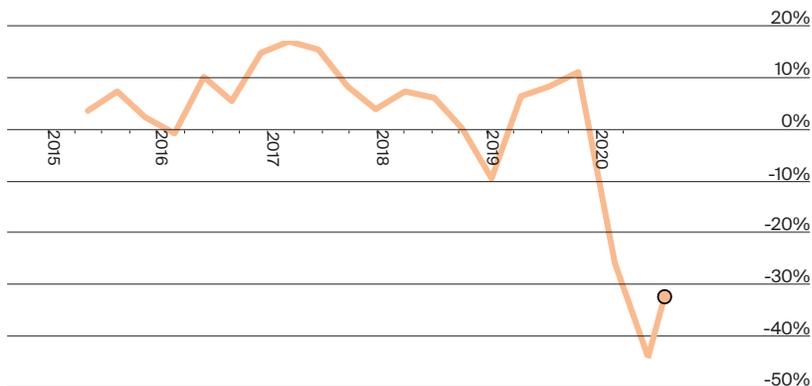
EMPREGO



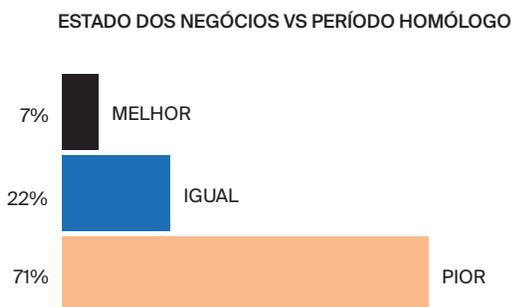
1. APRECIÇÃO DA SITUAÇÃO DO SETOR NO 3º TRIMESTRE DE 2020

estado dos negócios

No terceiro trimestre de 2020, a avaliação que as empresas fizeram da conjuntura melhorou face ao trimestre anterior. A percentagem de empresas que consideram que o estado dos negócios foi bom subiu de 6 para 12%, enquanto que desceu o número das que indicaram uma deterioração da situação. A avaliação do estado dos negócios no terceiro trimestre voltou sensivelmente ao nível registado nos três primeiros meses do ano, com um s.r.e. de -31 p.p., consideravelmente menos negativo do que os -46 p.p. do segundo trimestre.

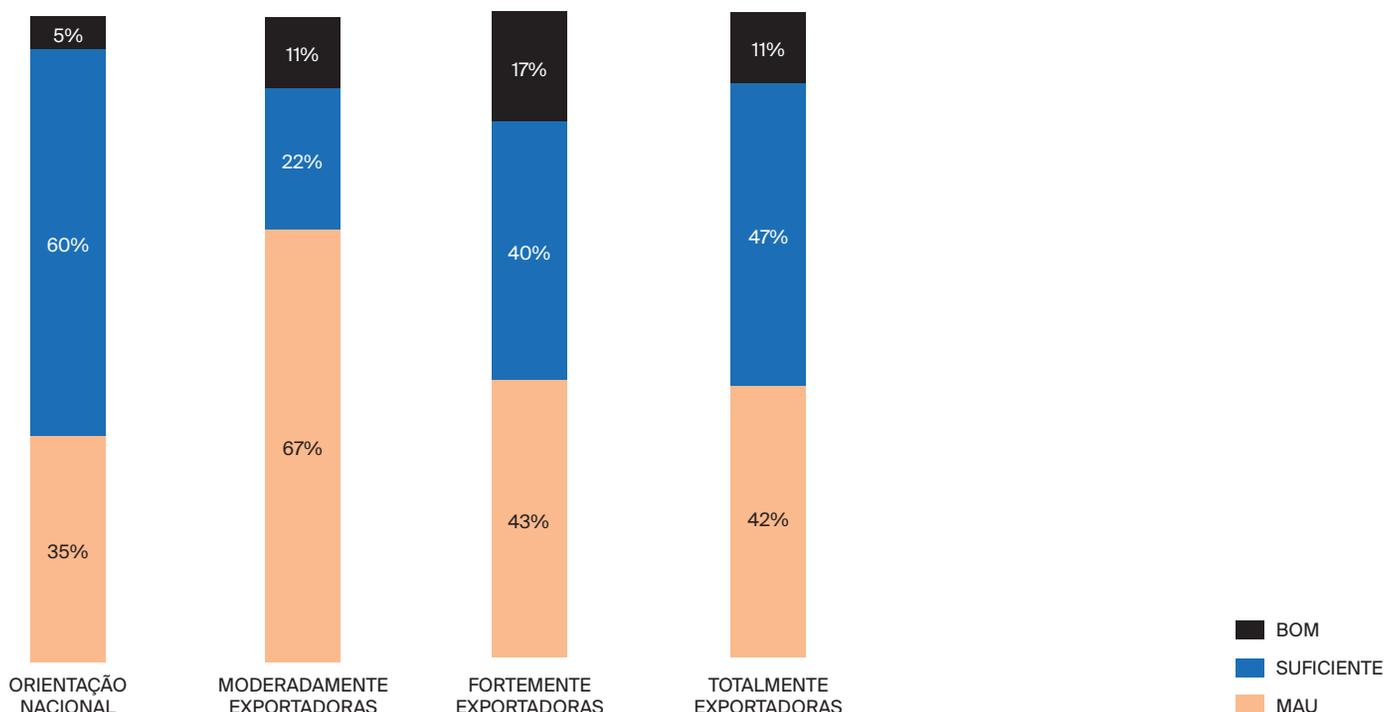


EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR



Apesar desta melhoria, 7 em cada 10 empresas consideram que a situação no terceiro trimestre de 2020 foi pior do que no período homólogo de 2019, enquanto só 7% pensam o contrário, gerando um s.r.e. de -64 p.p., valor praticamente idêntico ao do segundo trimestre.

Ao contrário do que aconteceu no segundo trimestre, não existe agora relação significativa entre a dimensão ou orientação de mercado das empresas e a opinião que emitem sobre o estado dos negócios. Consta-se apenas que as empresas moderadamente exportadoras, isto é, que exportam 50 a 75% das suas vendas, se apresentam mais pessimistas do que as que têm outras orientações de mercado, sendo as únicas que maioritariamente consideram que o estado dos negócios é mau.



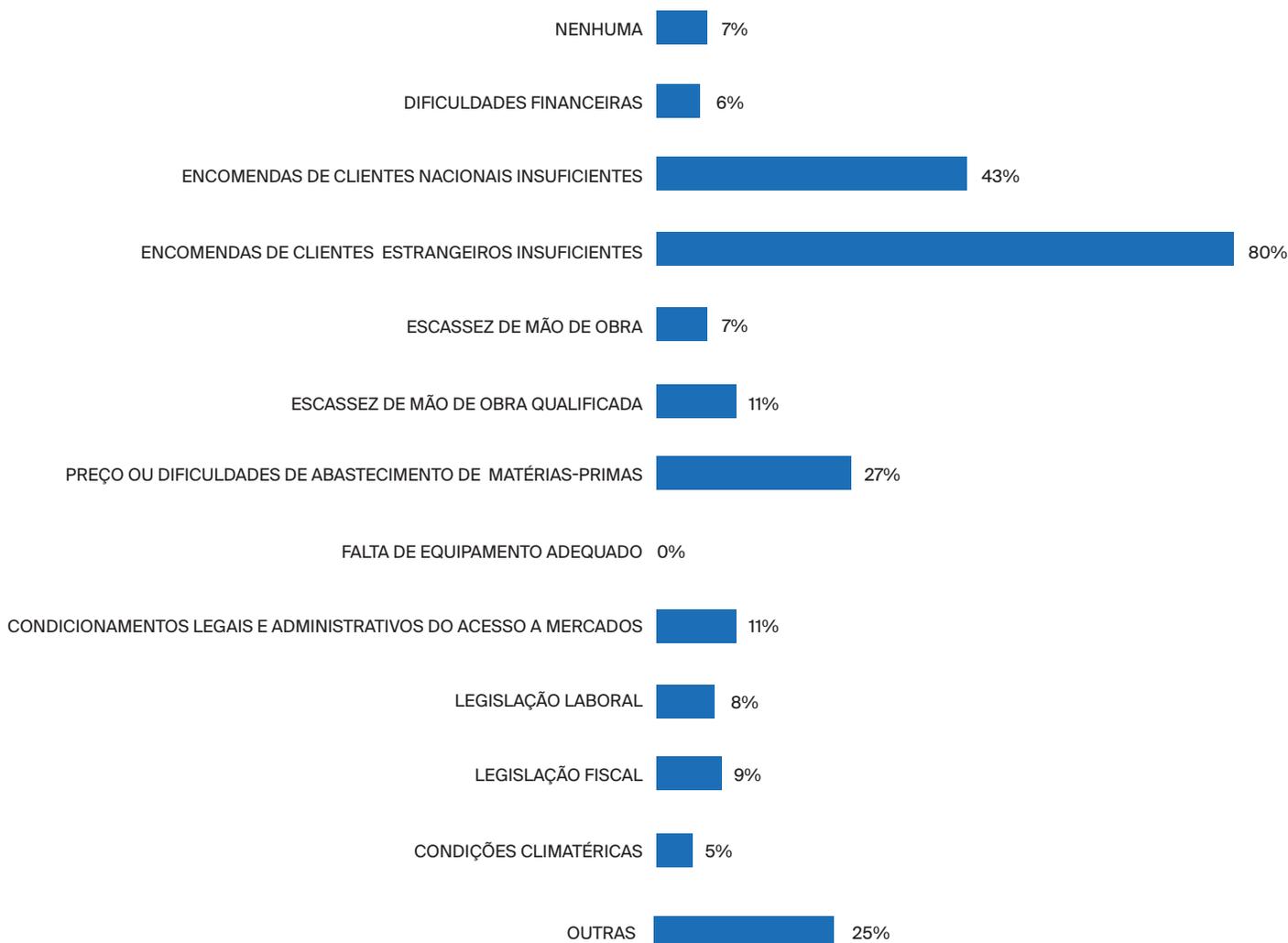
limitações à produção e vendas

As respostas dos inquiridos relativas às limitações à sua atividade são compatíveis com o cenário de ténue melhoria da conjuntura traçado anteriormente.

A insuficiência de encomendas, de clientes estrangeiros e nacionais, continua a ser o principal fator de preocupação para os empresários, mas a percentagem dos que o mencionam baixou ligeiramente em relação ao segundo trimestre: 80% queixam-se da escassez de encomendas do estrangeiro, quando esta percentagem atingia 82%, no trimestre anterior, e 43% referem-se às encomendas de clientes nacionais, contra 47% anteriormente. As empresas de menor dimensão são particularmente afetadas por estas dificuldades.

A melhoria foi mais acentuada ao nível da cadeia de abastecimento da indústria que, no trimestre anterior, tinha sido gravemente perturbada pelas medidas de confinamento e restrição às deslocações internacionais. A percentagem de empresas que consideram ter dificuldades relacionadas com o abastecimento de matérias-primas baixou de 41%, no segundo trimestre, para 27%. Embora se mantenham em níveis historicamente reduzidos, registou-se um acréscimo nas referências à escassez de mão-de-obra e mão-de-obra qualificada que traduz também alguma retoma da atividade. Ao nível dos fatores de produção, o que continua a não preocupar a indústria é a escassez de equipamento adequado, a que nenhuma empresa se refere.

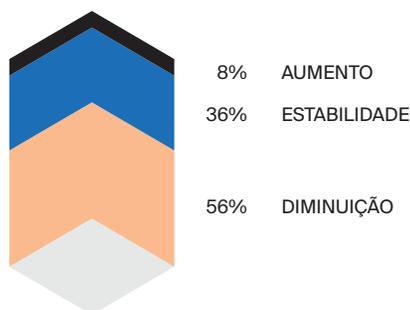
No entanto, o sinal mais forte de desagravamento da conjuntura foi a forte redução na percentagem de empresas que dizem enfrentar dificuldades financeiras, que passou de 12 para 6%. As referências a dificuldades financeiras provêm exclusivamente de empresas com menos de 100 trabalhadores. Verificou-se também um ligeiro aumento no número de empresas que dizem não enfrentar nenhuma dificuldade, que são agora 7% do total. As condições climáticas que, nos anos anteriores, tinham assumido grande relevo entre as preocupações da indústria são agora referidas apenas por 5% dos inquiridos. Em contrapartida, um em cada quatro diz enfrentar “outras” dificuldades não constantes do questionário, mencionando quase sempre a pandemia de COVID-19. Também esta percentagem diminuiu ligeiramente em relação aos trimestres anteriores.



tendência da produção

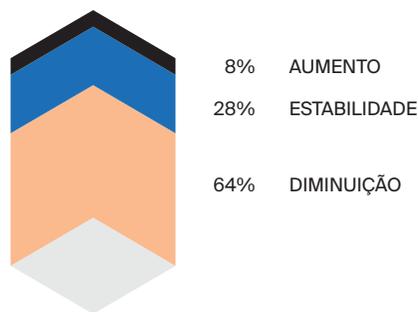
Com a segunda vaga da pandemia a perturbar a atividade económica, as empresas preveem que no último trimestre do ano a conjuntura se agrave. A maioria (56%) acredita que o seu nível de produção vai diminuir, enquanto que apenas 8% esperam que aumente. O s.r.e. (-48 p.p.) é o segundo mais negativo de sempre, apenas superado pelos -75 p.p. do primeiro trimestre do ano. As perspetivas são um pouco melhores para as empresas fortemente exportadoras do que para as orientadas predominantemente para o mercado nacional.

PREVISÃO DE EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO

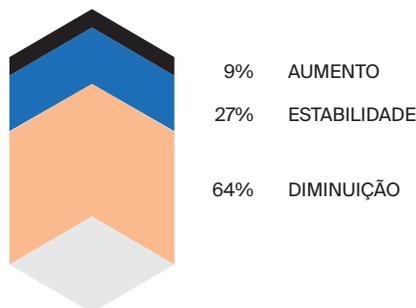


perspetivas de encomendas

As perspetivas para a carteira global de encomendas são muito negativas. Quase dois terços das empresas preveem a sua redução no quarto trimestre, subindo esta proporção para cerca de três quartos entre as predominantemente orientadas para o mercado português. Por escalões de dimensão, são as empresas com 100 a 250 trabalhadores que se mostram mais pessimistas. O saldo de respostas extremas (-56 p.p.) é também o segundo mais negativo de sempre. Para as encomendas do estrangeiro, as perspetivas são muito semelhantes.



PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS

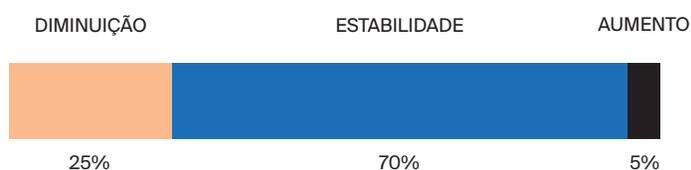


PREVISÃO DA CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

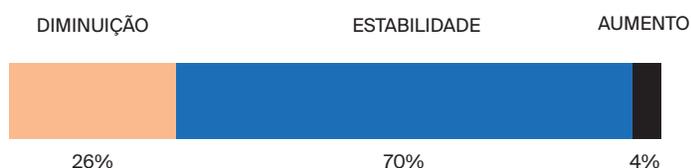
perspetivas de preço de venda

As perspetivas das empresas para os preços em Portugal e nos mercados internacionais são muito semelhantes. Como habitualmente, a larga maioria (70%) acredita que se manterão estáveis nos últimos três meses do ano. No entanto, como aconteceu ao longo deste ano, as que preveem uma descida do preço superam largamente as que esperam um aumento, gerando um s.r.e. de -20 p.p. e -22 p.p., respetivamente. As empresas que vendem predominantemente para o mercado nacional mostram-se mais pessimistas (s.r.e. -29 p.p.) do que as restantes.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL



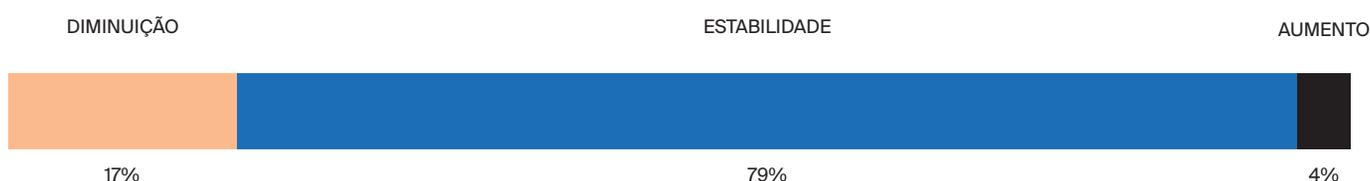
PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



perspetivas sobre o emprego

As perspetivas para a evolução do emprego mantêm-se sensivelmente inalteradas face ao trimestre anterior. Quase 80% das empresas esperam manter o número de pessoas ao seu serviço e o saldo entre as que acreditam que o irão reforçar ou diminuir é de -13 p.p. Ao contrário do que acontece noutras matérias, as empresas mais pequenas mostram-se mais otimistas do que as de maior dimensão, com maior percentagem de indicações de estabilidade do emprego e s.r.e. menos negativo.

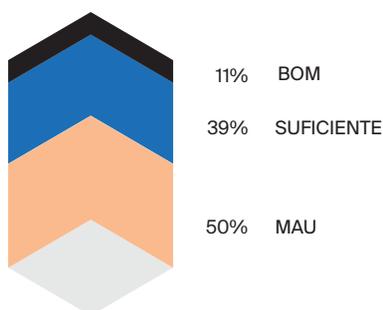
PREVISÃO DE EMPREGO



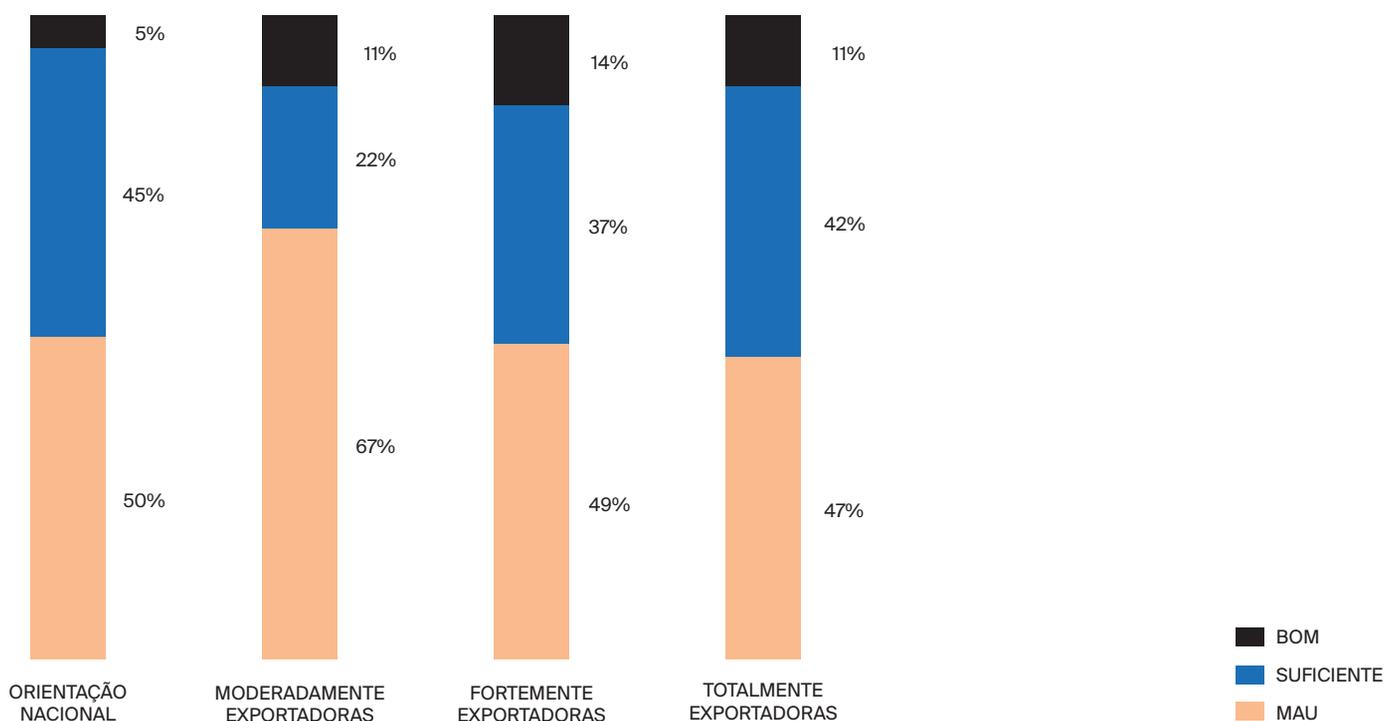
perspetivas sobre o estado dos negócios

As empresas perspetivam alguma deterioração do estado dos negócios no trimestre final do ano. Apenas 11% dos inquiridos acreditam que o estado dos negócios vá ser bom, mas metade receiam que seja mau, o que implica um agravamento do saldo de respostas extremas em 8 pontos percentuais face ao verificado no trimestre agora terminado. Quase três quartos das empresas (73%) preveem que o estado dos negócios vá ser pior do que o verificado no período homólogo de 2019.

PREVISÃO DO ESTADO DOS NEGÓCIOS



As perspetivas para o estado de negócios são menos desfavoráveis entre as empresas com maior vocação exportadora: as empresas que exportam 75% ou mais, do seu volume de negócios apresentam saldos de respostas extremas de 35 a 36%, enquanto essa percentagem sobe para 45% nas que vendem predominantemente no mercado nacional. É também entre as que exportam mais de 75% que se encontram as escassas empresas que acreditam que o estado de negócios no quarto trimestre vai ser melhor do que o verificado no período homólogo do ano anterior. As previsões formuladas não apresentam relação significativa com a dimensão das empresas.



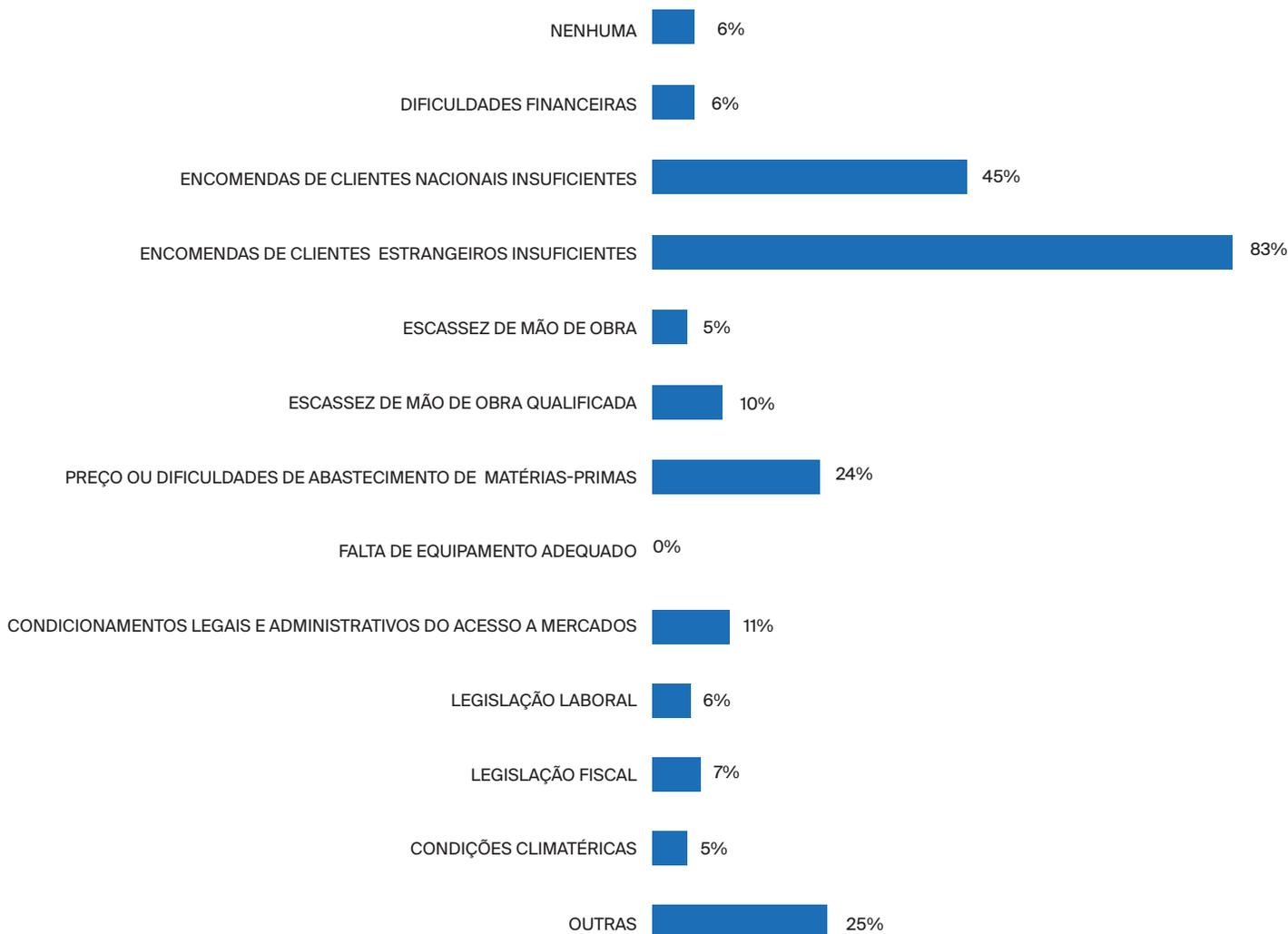
limitações previstas

As limitações à atividade previstas pelas empresas para o quarto trimestre não divergem acentuadamente das que reportaram para o terceiro.

No que respeita à situação no mercado, as perspetivas das empresas são ligeiramente piores do que o que se verificou no trimestre anterior: 83% das empresas preveem que terão escassez de encomendas de clientes estrangeiros e 45% julgam que acontecerá o mesmo em relação aos clientes nacionais. De uma maneira geral, estas perspetivas são mais negativas entre as empresas de menor dimensão.

Estes são, no entanto, os únicos casos em que as limitações previstas apontam para um agravamento da conjuntura. As empresas esperam um abrandamento das dificuldades relacionadas com o abastecimento de matérias-primas, com o recrutamento de mão-de-obra e com a legislação laboral e fiscal e a estabilização das que se prendem com outros fatores. Em particular, a percentagem de empresas que preveem dificuldades financeiras é idêntica à das que as sentiram no terceiro trimestre.

6% das empresas, um ponto percentual menos do que no terceiro trimestre, preveem não ter nenhuma dificuldade.



notas de conjuntura

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística, no segundo trimestre o Produto Interno Bruto (PIB) caiu 16,3% em relação ao mesmo período, o que constitui um choque económico sem precedentes em tempos de paz. Desde que se iniciou a publicação de valores trimestrais do PIB, em 1996, o resultado mais negativo tinha sido uma quebra de 4,5%, no último trimestre de 2012.

Embora sombrias, as projeções do Banco de Portugal para a economia nacional são as mais favoráveis entre as principais instituições públicas nacionais e internacionais. O governo, na proposta de orçamento de estado para 2021, prevê uma queda do PIB, em 2020, de 8,5%, o Conselho das Finanças Públicas e a Comissão Europeia de -9,3%, a OCDE de -9,4% e o Fundo Monetário Internacional de -10%.

Nas suas previsões de outono, a Comissão Europeia prevê que o PIB agregado da União Europeia recue 7,4% em 2020, mas com considerável heterogeneidade entre os estados membros. Relativamente aos principais mercados de exportação do calçado português, as quedas previstas para o PIB variam entre “apenas” 3,9% na Dinamarca e 12,4% em Espanha, passando por 5,3% na Holanda, 5,6% na Alemanha e 9,4% em França. Para os anos seguintes, a CE prevê crescimentos da ordem dos 3 a 4% que impressionariam se a base de partida não fosse tão baixa. Como a CE afirma:

“Isto implica que a produção da economia europeia apenas regressaria aos níveis pré-pandemia em 2022. (...) Apesar da persistência das medidas de distanciamento social, o consumo privado deverá ter recuperado terreno no terceiro trimestre, alimentado pela procura reprimida e pelas medidas de política de apoio ao poder de compra das famílias. Ainda assim, espera-se que essa recuperação seja interrompida no final do ano, devido ao ressurgimento da pandemia e à introdução de medidas de contenção mais rigorosas. No conjunto, o consumo privado deve encolher mais de 8% este ano, tanto na União Europeia como na área Euro.”

Comissão Europeia, European Economic Forecast, Autumn 2020

O Fundo Monetário Internacional acaba também de publicar o seu panorama para a economia mundial. O FMI prevê que a economia mundial encolha 4,4% este ano e recupere 5,2% em 2021. O importante mercado americano deve ter um desempenho relativamente favorável entre as economias avançadas, recuando este ano 4,3% e crescendo 3,1%, no próximo, mas a China destaca-se no panorama internacional, com um crescimento positivo de 1,9% já este ano e de 8,2% em 2021.

O Banco de Portugal publicou recentemente projeções para a evolução da economia portuguesa no segundo semestre do ano. O Banco prevê que, na segunda metade do ano, a economia registre uma quebra homóloga de 6,8% resultando, para o conjunto do ano, numa redução do PIB de 8,1%. Diz o Banco: “A redução da atividade no primeiro semestre de 2020 variou entre setores. Na fase de recuperação, antecipa-se que a heterogeneidade setorial se mantenha. (...) A atual crise alterou a composição do consumo das famílias. (...) As despesas em atividades de lazer, hotéis, restaurantes, transportes, vestuário e calçado tiveram quedas pronunciadas. As únicas exceções referem-se a despesas em bens essenciais, nomeadamente produtos alimentares. (...)”

A partir de maio verificou-se uma recuperação do consumo. Antecipa-se que esta recuperação se prolongue até ao final de 2020, o que se traduzirá numa variação homóloga de -4,5% no segundo semestre. Esta recuperação será diferenciada por tipo de produto, estando enquadrada pelo levantamento gradual das medidas de contenção, pela manutenção das políticas de salvaguarda do rendimento e pela elevada incerteza, que deverá continuar a condicionar a confiança dos consumidores. (...)”

As perspetivas de curto prazo para a economia portuguesa continuam rodeadas de incerteza associada à evolução da pandemia e ao seu impacto no comportamento dos agentes económicos. O prolongamento da crise pandémica pode conduzir a um ciclo de retração da despesa e da oferta.”

Banco de Portugal, Boletim Económico, outubro 2020

APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos

